

A ILUSÃO DA SOLUÇÃO DEFINITIVA

A FUGA DO VAZIO DOLOROSO DA SOLIDÃO

A solidão humana é uma realidade difícil de enfrentar, por isso, fugimos dela, fazemos de tudo para a evitar, como se não existisse.

A nossa cultura que promove a diversão, inventou muitas formas para aniquilar a dor, não apenas da dor física, mas também o sofrimento emocional e mental. Estamos de tal forma habituados a viver neste estado anestésico, que preenchemos todos os tempos livres, com alguma atividade. Assim, procuramos alguém que nos distraia, algum trabalho ou a terminar, algum livro a ler, algum programa televisivo a ver ou alguma música a escutar. O silêncio, o estar sós, aproxima-nos da nossa solidão existencial e do nosso isolamento interior, por isso é que fazemos de tudo para evitar este encontro, tendo sempre alguma ocupação.

Quando preciso de escrever um artigo e me confronto com uma folha de papel branca e vazia, quase tenho de me atar à cadeira para me impedir de consultar ainda mais um livro, antes de começar a escrever. Quando, no final de um dia atarefado, fico finalmente só e livre, tenho de lutar contra a necessidade de fazer mais um telefonema, mais uma deslocação à caixa do correio ou visitar alguns amigos que me irão entreter durante as últimas horas do dia.

A existência superficial a que esta situação conduz é agudamente descrita por Henry David Thoreau quando escreve:

«Quando a nossa vida deixa de ser interior e perde a sua privacidade, a conversação degenera a mera tagarelice».

Raramente encontramos alguma pessoa que seja capaz de nos falar de algum assunto pessoal. A comunicação limita-se a referir alguma notícia que apareceu no jornal, na televisão ou que tenha sabido por um vizinho; quase sempre, a principal diferença entre nós e ele é que

ele leu o tal jornal, viu a televisão ou foi lanchar fora, e nós em vez não. Na medida em que diminui a intensidade da nossa vida interior, cresce a ansiedade de encontrar alguma ocupação.

O perigo da solução definitiva

Existe um grande sofrimento mental no nosso mundo, mas, quase sempre por razões erradas que surgem da falsa expectativa de que somos chamados a preencher a solidão, uns dos outros. Esta falsa expectativa afasta-nos de nós mesmos e nos leva a procurar uma satisfação imediata nos relacionamentos humanos. Assim, atiramo-nos para os braços dos nossos companheiros de caminhada, lançando-nos em relações dilacerantes, em amizades cansativas e em abraços sufocantes. É o que chamamos de «solução definitiva». De fato, é pura ilusão aguardar que cheguem momentos, locais ou relacionamentos que preencham a nossa solidão existencial, onde estaremos «finalmente livres» de toda a inquietação interior.

Não é fácil convencer-se de que a resposta à nossa solidão não se encontra nos relacionamentos humanos e que, portanto, nenhum amigo ou amante, nenhum marido ou mulher, nenhuma comunidade, poderá apagar a sede da nossa ansiedade interior. A secreta ilusão da «solução definitiva» leva-nos a oprimir os outros com as nossas expectativas divinas, inibindo a livre expressão de uma amizade e de um amor livres de apegos.

Jesus falou dessa sede infinita que as águas do mundo não conseguem apagar e falou de uma «Água viva» que nunca se esgota, que continua a jorrar dentro de nós:

«Quem beber desta água terá sede outra vez, mas quem beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede. Pelo contrário, a água que eu lhe der se tornará nele uma fonte de água a jorrar para a vida eterna». (Jo, 4, 13-14)

A amizade e o amor não podem desenvolver-se em pessoas sedentas de afetos, que inibem a liberdade, uns e dos outros, e não deixam espaço para se movimentarem por uma ou por outra direção. Enquanto procuramos os outros, com a secreta ilusão de resolvermos a sede da nossa solidão, castigar-nos-emos um ao outro com os nossos desejos insatisfeitos.

É triste ver como, as pessoas procurem uma solução definitiva nos relacionamentos humanos. Como, muitas vezes, advertem como «solução definitiva», o encontro de um novo amigo, dum novo amante ou duma nova comunidade, descarregando sobre eles as próprias expectativas messiânicas. Embora advertem que se trate de uma ilusão, em seus corações continuam a sussurrar: *«Talvez, desta vez. Encontrei o que, consciente ou inconscientemente, procurava»*.

À primeira vista, pode parecer espantoso o facto de que homens e mulheres, depois de terem experimentado relações angustiantes com os pais, os irmãos ou as irmãs, se atirem de cabeça, às cegas, para outros relacionamentos, com a secreta esperança de que, daqui em diante tudo será diferente.

Mas podemos interrogar-nos se os inúmeros conflitos e discussões, se as inúmeras acusações e recriminações recíprocas, se os inúmeros momentos de raiva, expressa ou reprimida, se as mais diversas formas de invejas, confessadas ou inconfessadas, não tenham as suas raízes na «ilusão da solução definitiva», isto é, na falsa pretensão de que, como seres humanos, temos chamados a afastar um do outro a nossa solidão.

Parece que a violência destrutiva que penetra na intimidade dos encontros humanos, tenha a sua origem na ilusão de encontrar «soluções definitivas».

Trata-se em grande parte, de uma violência de pensamentos, que viola a mente com suspeitas, intrigas interiores ou fantasias vingativas. As vezes trata-se de uma violência de palavras que perturba a paz com recriminações e queixas e que, alguma vez, pode desabar em verdadeiras agressões, violentas e prejudiciais. A assume, às vezes, formas tão destrutivas que magoam não apenas os outros, mas que aprisoam a própria pessoa dentro de ciclo vicioso, segundo o qual, quanto mais exigimos, tanto menos recebemos.

Em tempos em que se enfatizam os relacionamentos interpessoais, todos podemos cair na tentação de acreditar que a solução da nossa solidão interior, das nossas tristeza e angústias, sejam sinais de falta de abertura mútua. Por vezes isto é verdade, pois existe uma forma de solidão que precisa de desenvolver os relacionamentos humano, pois, ninguém pode viver só e *«que encontra um amigo, encontra um*

tesouro» (Eccli 6,14-17); «Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e eles se tornarão uma só carne» (Gn 2, 24).

Contudo, o perigo da ilusão da solução definitiva, alerta-nos sobre a necessidade de protegermos o nosso santuário interior, pois a abertura e a proximidade não podem surgir e manter-se onde as pessoas se apegam umas às outras. A abertura exige corações livres e desapegados. É por este motivo que devemos falar da capacidade de proteger a nossa íntima solidão, o nosso mistério interior. É, de fato, este «mistério interior» que nos atrai mutuamente e nos impele para relacionamentos humanos, livres e duradouros. Nenhuma comunidade é possível sem a capacidade de conviver harmoniosamente com a nossa própria solidão. Nenhuma abertura recíproca é possível sem uma mútua e respeitosa aceitação da nossa própria singularidade.

Nem tudo deve ser comunicado

É uma falsa honestidade pensar que tudo deve ser comunicado e que nada deve ficar escondido. É uma honestidade danosa ou, pelos menos, insidiosa, que produz relações insípidas, superficiais, vazias e aborrecidas. Proteger a nossa solidão, significa pôr fronteiras restritiva, mas necessária para não correremos o risco de ficarmos enredados em proximidades estagnantes. Podemos dizer que proteger o nosso santuário interior é uma necessidade, não apenas para protegermos a nós mesmos, mas também para podermos oferecer um serviço aos outros, com os quais queremos estabelecer uma comunhão criativa. Tal como as palavras perdem poder quando não são geradas no silêncio, assim, a abertura perde o significado sem a capacidade de estar fechados.

É difícil desmascarar a ilusão da solução definitiva escondida atrás dos relacionamentos humanos. No entanto, muitos casamentos sofrem com esta ilusão. Tudo começa cultivando a secreta esperança de que esta união possa dissipar a nossa dolorosa solidão. Surge, depois, uma luta desesperada para atingir uma impossível harmonia física e psicológica. Caímos numa dependência desgastante, insuportável que leva a separações e divórcios.

Muitas pessoas têm dificuldade em apreciar uma certa solidão dentro do casamento, mas as fronteiras protetivas são necessárias para que o

relacionamento seja criativo, numa descoberta fascinante e sempre renovada do outro. As fronteiras são necessárias, não só para impedir o apego recíproco, mas também para garantir a liberdade recíproca de se movimentar à vontade, tal como as palavras de Kahlil Gibran, que são muitas vezes citadas nas celebrações matrimoniais:

Cantai e dançai juntos e alegrai-vos,
mas que cada um de vós seja um, como as cordas de uma
lira que, embora isoladas, vibram ao som de uma mesma
melodia. E mantende-vos juntos, mas não demasiado perto
um do outro: pois os pilares de um bom templo elevam-se à
distância, e o carvalho e o cipreste não crescem à sombra um
do outro.